

O que quer, realmente, a mulher?

Gisela Cardoso
Cecil Jeanine Albert Zinani
UCS

Resumo: O presente artigo analisa psicologicamente a lenda: “O que realmente quer a mulher?”, conforme o relato de Heinrich Zimmer (1998). A análise utiliza, como base teórica, a psicologia analítica de Carl Gustav Jung e as *Bases antropológicas do imaginário*, de Gilbert Durand, enfatizando, de forma especial, as imagens de masculino e de feminino enquanto símbolos representativos das relações entre consciência e inconsciente em nossa formação cultural.

Palavras-chave: arquétipo, imaginário, simbólico, feminino, masculino.

Abstract: *This article makes a psychological analysis of the legend: “what does the woman really want?”, according to Heinrich Zimmer’s report (1998). The analysis uses, as a theoretical basis, Carl Gustav Jung’s analytical psychology and the *Les structures anthropologiques de l’imaginaneire*, by Gilbert Durand, emphasizing, in a special way, the images of the masculine and feminine as representative symbols of the relations between conscience and unconscious in our cultural background.*

Key words: *archetypes, imaginary, symbolic, feminine, masculine.*

*Onde o amor impera, não há desejo de poder;
e onde o poder predomina, há falta de amor.
Um é a sombra do outro.*

Carl Gustav Jung

Durand (2001), da mesma forma que Jung (1964), em seus estudos sobre o imaginário, compreendem que a dinâmica psíquica repousa sobre estruturas arquetípicas que são inacessíveis à consciência, sendo possível experimentá-las apenas enquanto fenômenos psíquicos, ou seja, pela via da representação simbólica.

Ambos os autores creem que a função do símbolo seja a de mediar elementos, a princípio, inconciliáveis, e, por isso, ele é o grande “motor” do comportamento humano, já que possibilita à consciência expressar o imaginário, ou tecer variações em torno de um mesmo tema. No símbolo, ou na representação arquetípica, multiplicam-se imagens e comportamentos que, na

lógica da consciência, se transformam em uma síntese homogênea, em algo significativo, pleno de sentido para o sujeito, o que faz do símbolo um fator organizador da psique.

A construção de significados e sentidos motivados pelos arquétipos e suas expressões, na compreensão de Durand (2001), nasce a partir das nossas primeiras reflexões imagéticas de adaptação, e dividem-se em três grandes grupos de representações arquetípicas: Regime Diurno da Imagem, Regime Noturno da Imagem e Esquemas Rítmicos ou Sintéticos. Estes três regimes constelam uma série de representações simbólicas que se agrupam em torno de imagens associadas a cada um deles. No Regime Diurno, por exemplo, está vinculada a ideia de “masculino” (*animus*, na concepção de Jung), cujos símbolos mais expressivos são o gládio e o cetro (o falo). Para o Regime Noturno, ou feminino (*anima*, para Jung) associamos a imagem da taça/útero e da lua, das águas e da terra fértil. O feminino também se vincula ao Esquema Sintético ou Rítmico da imagem do “filho”: aquele que recomeça um novo ciclo, o que possibilita o movimento da energia psíquica, impulsionando-a e fazendo girar, assim, a roda do tempo.

Durand (2001) esclarece que esses grandes grupos arquetípicos revelam como a consciência se afirma e interpreta a nossa angústia perante a finitude da vida. O antropólogo/filósofo destaca que o Regime Diurno da Imagem está vinculado ao poder e ao desejo egoico de “vencer” o tempo, enquanto o Regime Noturno, por outro lado, se harmoniza com a intimidade corporal e com os mistérios do “caos” inconsciente através de eufemismos para a morte e para a decrepitude humana.

Além das imagens citadas acima, as representações arquetípicas do feminino abrangem um complexo de significados que são caracterizados, entre outros, como: sensibilidade emocional, intuição, beleza, maternidade, sensualidade, mistério e delicadeza. Esses “atributos do feminino” são, via de regra, considerados inferiores aos que foram incentivados pela cultura/consciência masculina patriarcal, a saber: coragem, força, determinação, foco e racionalidade. A mulher, como portadora e reveladora dos caracteres femininos, viu-se destituída de seu poder e desvalorizada por elementos da cultura dominante, ficando reduzida e subjugada pelo poder do masculino, que a fixou em papéis bem definidos, como de mãe, de esposa e de filha. A própria mulher, há muito tempo, vem reforçando e ratificando sua inferioridade em relação às qualidades consideradas masculinas, e, por conseguinte, sustentando sua dependência em relação ao homem pelos mais variados motivos. Um deles, segundo Beauvoir (1970), seria as inúmeras vantagens que ela obtém na aliança com os homens. A mais importante, segundo a autora, diz respeito à proteção material que a figura masculina lhe proporciona. Para Beauvoir, se

a mulher permitiu-se ficar como o “Outro” é porque não buscou, ela própria, um caminho rumo à própria apreciação.

Tanto o masculino quanto o feminino, na visão junguiana, necessitam um do outro em nível psíquico, pois são pares complementares. Jung (2000) assevera que, quando o feminino e o masculino se encontram, psicologicamente falando, sobrevém o nascimento de uma nova consciência, e isso é benéfico não apenas para um indivíduo em particular, mas também para o sistema de valores e crenças no qual ele está inserido. Esses pares complementares contêm inúmeras particularidades e podem ser melhor compreendidos se forem analisados à luz das diferentes mitologias e/ou lendas, contos populares ou contos de fada, etc.

Apesar de o mito, hoje, não ter o mesmo sentido que tinha para os povos que o cultuavam, podemos reinterpretá-lo psicologicamente, pois as representações mitológicas são a maneira mais fácil de estabelecermos contato com os arquétipos. Jung (1985, p. 69) afirma: “a imagem primordial, ou arquétipo, é uma figura – seja ela demônio, ser humano ou processo – que reaparece no decorrer da história, sempre que a imaginação criativa for livremente expressa. É portanto, em primeiro lugar, uma figura mitológica.”

Jean Shinoda Bolen (1990) postula que, através de uma compreensão psicológica embasada nas diferentes mitologias, entramos em contato com uma forma importante de sabedoria ancestral, que aciona aspectos ainda não desenvolvidos em nós. Para que esses aspectos sejam mobilizados, a psiquiatra defende o uso dos mais diversos recursos, como, por exemplo, lermos mais mitos (e sobre mitos) e suas “atualizações”, na forma de literatura, música e/ou outras expressões culturais e artísticas de toda uma coletividade.

O lado enigmático e obscuro do feminino suportou – e não apenas de forma simbólica – perseguições e mortes cruéis, especialmente na Idade Média. Vistas como verdadeiras bruxas, por lidarem com o poder das forças da natureza, muitas mulheres sofreram violências e/ou foram assassinadas por estarem associadas com o “lado escuro da lua”. A lógica medieval, impregnada com o maniqueísmo imperialista da consciência patriarcal, considerava que as mulheres, em sua grande maioria, eram verdadeiras aliadas do demônio.

Whitmont (1991) considera que o amor romântico/espiritual nasceu exatamente nesta época, talvez para compensar esta visão terrível que havia sobre as mulheres. Os cavaleiros e suas damas inspiraram milhares de histórias, enriquecendo a literatura e a dramaturgia e inspirando, até hoje, os sonhos amorosos dos amantes. A ligação entre duas pessoas, quando muito forte, faz com que cada uma sinta a outra como uma parte de si mesma. Ambas são como duas metades que só se completam quando estão juntas, semelhante ao mito platônico do

andrógino.¹ Cada uma das “partes” só vai se sentir completa, quando conseguir encontrar o pedaço que lhe falta. Assim era considerado o amor verdadeiro: uma falta, um vazio, uma parte a quem falta a outra parte e que anseia pelo seu complemento.

É possível que, nos esquemas significantes da evolução da consciência, o amor fosse se vinculando ao aspecto luminoso e espiritual, idealizado pela moral religiosa cristã; mas, por outro lado – e possivelmente pelos seus mistérios – ele também está irmanado às sombras das deusas terríveis, possuindo, dessa forma, um aspecto infernal e demoníaco.

Em um dos romances da Távola Redonda, conforme Heinrich Zimmer (1988), é possível acompanharmos uma lenda que ilustra a desvalorização – e, ao mesmo tempo, a glorificação – do feminino na cultura ocidental. A história fala sobre um enigma lançado ao jovem Rei Artur, cuja solução salvaria sua vida.

Vejamos a história:

Conta a lenda que o Rei Artur, caçando pelas florestas de sua vizinhança, foi descoberto e desafiado pelo dono daquelas terras, *sir* Gromer Somer Joure. Esse cavaleiro era um antigo desafeto de Artur, e, como o Rei, ao caçar em suas terras sem pedir-lhe permissão, cometera um crime, foi ameaçado de morte pelo estranho cavaleiro. Arthur, porém, estava desarmado – ele vestia apenas seus trajes (verdes) de caça – e pediu a *Sir* Gromer, então, que lhe desse uma nova chance. O cavaleiro, tocado pela sinceridade do Rei, resolveu poupá-lo, mas lançou-lhe um desafio: Artur teria o exato prazo de um ano para descobrir o que realmente quer a mulher. Dando sua palavra de que cumpriria a tarefa, o Rei voltou para a companhia de seus cavaleiros, mas Gawain, seu sobrinho e um dos seus mais nobres cavaleiros, quis saber o que havia acontecido na floresta, já que o tio estava com um semblante preocupado e abatido desde que voltara da caçada. Em segredo, Artur contou-lhe sobre o acontecido, e Gawain teve uma ideia: ambos sairiam em busca da resposta. Ambos partiram, então, cada um em uma direção, para perguntarem a todos os homens e mulheres que encontrassem qual poderia ser a resposta para o enigma: o que realmente quer a mulher? Muitas foram as explicações que encontraram: alguns diziam que o maior desejo da mulher é o de ser mãe; outros disseram que ela quer possuir uma beleza estonteante e avassaladora; que a mulher se contenta com poder e riqueza; e outros, ainda, que ela viverá feliz se tiver, para si, um homem vigoroso e forte para amá-la. Arthur e

¹ Aristófanes, no clássico *Banquete* (2000), de Platão, discursa sobre a origem do amor através do mito do andrógino. Os andróginos teriam sido seres esféricos que traziam, em um único corpo, os dois sexos. Esses seres sentiam-se de tal modo completos e satisfeitos consigo mesmos que ousaram atacar os deuses, que, para puni-los, separaram-nos para sempre, o que os tornou fracos e carentes, além de buscadores incansáveis de sua metade perdida.

Gawain anotavam cada uma das soluções encontradas, cada um em seu caderno, esperançosos de que alguma delas satisfaria o cavaleiro.

O prazo estava chegando ao fim, e, para o desespero de Artur, nada do que anotara conseguia lhe dizer, convictamente, o que realmente quer a mulher. Certo dia, porém, uma velha bruxa que morava em uma floresta fronteira veio ao encontro de Artur. A velha bruxa era horrenda, com feições animais, dentes afiados e unhas em forma de garras, e exalava um cheiro insuportável e nauseante. Ela concordou que responderia ao enigma proposto, mas impôs uma condição: Artur deveria prometer que casá-la-ia com Gawain, caso a sua resposta fosse a que *sir* Gromer esperava; caso contrário, Artur não teria nada a perder, até porque ele iria morrer de qualquer maneira. Na expectativa de que o Rei convencesse o sobrinho/cavaleiro para mais essa empreitada, a bruxa liberou Artur, que voltou ao castelo impactado pelo plano da terrível mulher. Ao ver o sofrimento do Rei, Gawain ofereceu-se deliberadamente para o casamento, pois faria qualquer coisa para defender o tio. Voltando à bruxa, então, cheio de pesar, Artur confirmou-lhe o casamento com Gawain, atento ao que a velha senhora lhe diria. Foi aqui que a horrenda bruxa lhe falou, então, que a mulher, acima de qualquer coisa, quer a soberania sobre o homem e, principalmente, sobre si mesma.

Satisfeito com a resposta, Artur foi ao encontro de *sir* Gromer. Antes de dar a resposta final, entretanto – e na esperança de que pudesse, ainda, poupar Gawain –, Artur entregou a ele os livros com as outras respostas encontradas. Nenhuma, no entanto, satisfaz o cavaleiro, já pronto para a vingança. O Rei, então, disse-lhe que ainda tinha a última resposta, e expôs que, acima de tudo, o que as mulheres desejam é a soberania sobre sua própria vida². O cavaleiro ficou furioso e descobriu que tal resposta só poderia ter sido dada por sua própria irmã, Dona Ragnell, a bruxa hedionda da floresta, a qual ele desejava ver ardendo em uma fogueira. Furioso e sem mais ter o que dizer, *sir* Gromer desejou um bom dia ao Rei Artur e retirou-se. Dessa forma, a vida de Artur havia sido poupada, mas ele continuava triste, pois o que iria causar a Gawain não podia ser remediado.

As bodas, então, foram marcadas. A velha bruxa exigiu um casamento pomposo, e toda a corte foi obrigada a assistir, com pesar, ao jovem e galante cavaleiro unir-se, pelo matrimônio sagrado, com o ser mais desprezível de toda a redondeza. A terrível mulher comportou-se mal, comeu toda a carne que havia na festa, soltou todo o muco que tinha em suas entranhas, grunhiu e bufou, agitando-se feito um animal selvagem. Artur não sabia mais o que

² É digno de nota o fato de que, nesta resposta, o texto afirmar simplesmente que a mulher quer a soberania, e não afirmar, como anteriormente, que essa seria também sobre os homens.

fazer e imaginava, com pesar, como seria a noite de núpcias do amigo e sobrinho, já que se aproximava a hora em que os noivos estariam a sós. Entre quatro paredes, por sua vez, Gawain, como um bom cavaleiro, imaginava como faria para cumprir suas obrigações de marido. Não conseguia, porém, virar-se para a noiva, pois estava com medo do que iria ter que enfrentar. A bruxa, vendo que ele não conseguia sequer aproximar-se, pediu-lhe que o noivo lhe desse, pelo menos, um beijo de boa noite. Buscando toda a coragem possível, Gawain virou-se para beijá-la, mas, ao deparar-se com a então esposa, encontrou, ali, não mais uma bruxa horrenda, mas sim a mais bela dama que jamais vira até então, e, por isso, não podia crer em seus próprios olhos. A moça, então, explicou-lhe que estava sob o efeito de um feitiço, e que este a mantinha linda e graciosa uma parte das vinte e quatro horas do dia, e, na outra parte, a fazia horrenda e insuportável.

Caberia, agora, que Gawain escolhesse: ela seria bela durante a claridade diurna, para que todos a vissem em seu esplendor e graça, ou durante à noite, enquanto os dois estivessem, secretamente, em seu leito de amor? Vale a pena, na íntegra, o desenrolar da história contada por Zimmer (1998, p. 66):

‘Oh, Deus, a escolha é difícil’, replicou Gawain. ‘Ter-vos bela apenas à noite entristeceria meu coração, mas se decidir ter-vos bela durante o dia, dormirei em cama de espinhos. Quisera escolher o melhor, mas não faço ideia do que dizer. Querida senhora, que seja como desejais; deixo a escolha em vossas mãos. Meu corpo, meu coração e tudo o mais são vossos para que deles façais o que quiserdes; juro-o diante de Deus!’

‘Ah, dou graças, cortês cavaleiro!’, exclamou a dama. ‘Abençoado sejais, entre todos os cavaleiros do mundo! Agora estou livre do meu encantamento, e term-eis bela e atraente tanto de dia como à noite’.

Então ela contou a seu deleitado esposo como sua madrasta (que Deus tenha piedade de sua alma!) a encantara com suas artes de magia negra, condenando-a a permanecer sob aquela forma asquerosa até que o melhor cavaleiro da Inglaterra a desposasse e lhe concedesse soberania sobre seu corpo e seus bens. ‘Assim fui deformada’, disse ela. ‘E vós, cortês sir Gawain, concedeste-me, sem condições, a soberania. Beijai-me agora, senhor cavaleiro, eu vos suplico; alegrai-vos e regozijai-vos’. E desfrutaram deleitosamente um do outro.

Na manhã seguinte, já passava do meio dia e Gawain não saía do quarto. Artur, apavorado, pensava que a bruxa tivesse matado o jovem cavaleiro. Bateram à porta dos noivos, então, desesperadamente, Artur e os demais cavaleiros. Gawain assustou-se e disse que já iria abrir, mesmo contra a sua vontade. Ninguém entendeu o que se passava, e Gawain, então, tomando a mão de sua dama, conduziu-a até à porta e fez com todos vissem, naquele momento,

que Dona Ragnell, sua esposa, era ninguém mais, ninguém menos, que uma esplendorosa e bela mulher que, por ter salvo a vida do Rei, havia salvo, conseqüentemente, toda a corte.

Essa história sintetiza o que falamos a respeito das representações arquetípicas do feminino, do masculino e da energia psíquica. A lenda se passa no período cavaleiresco, que, apesar de ser uma época marcada por guerras, conquistas bélicas e armaduras, isto é, dominada pelo Regime Diurno da Imagem, é, também, considerada a época natal do amor romântico e/ou espiritual (RENNÓ, 2003). Os bardos, em seus cantos poéticos, exaltavam, além das batalhas, os sentimentos amorosos dos cavaleiros por suas damas, que eram erotizadas ou sublimadas em suas características feminis, vinculadas, portanto, ao Regime Noturno da Imagem. A lenda de Gawain e Dona Ragnell, ainda, é parte do “Ciclo de romances do Rei Artur” (ZIMMER, 1988) que inclui, também, as histórias dos cavaleiros da Távola Redonda em suas aventuras na busca do Santo Graal. Vejamos, então, quais são os aspectos psicológicos que identificamos na narrativa:

Artur, por ser o Rei – o centro do poder –, sugere uma identificação com o gládio e o cetro, pois, como símbolo do ego, ele batalha para, através da luz da consciência, manter o equilíbrio e a harmonia de seu reino. É fácil, no entanto, o “rei” ego confundir a sua tarefa de administrador da consciência – local onde ele realmente tem acesso –, com a totalidade psíquica, que está para muito além do seu domínio. Ao penetrar nas fronteiras vizinhas, Artur/o ego percebe que não impera, em absoluto, em todos os espaços, deparando-se com figuras ameaçadoras que, até então, ele ignorava. É a curiosidade (instinto de caçador) de Artur que o faz ir para as fronteiras do seu reino e, lá, encontrar o desconhecido, ou seja, as “florestas” trevosas do inconsciente e seus habitantes. Quem aparece, em um primeiro momento, é o “dono” daquelas terras – uma espécie de “guardião” do inconsciente –, que há muito, vinha querendo dar uma lição no Rei/ego. Esse guardião, ao alertar Artur de que ele deveria ter pedido autorização para entrar em territórios alheios, ocupa o lugar de “guia da alma” do Rei, isto é, serve como uma espécie de “consciência do inconsciente”, também chamado, por Jung (2000), de Self.

Para que as relações do ego com o inconsciente sejam de paz, segundo Jung (1985), é preciso que construamos pontes, elos de ligação, ou estabeleçamos uma comunicação/negociação adequada entre ego e Self. Enquanto não fazemos isso, o inconsciente aparece, via de regra, como algo ameaçador e terrível, como acontece com a figura de *sir* Gromer para Artur. O que ocorre, entretanto – para a sorte do Rei –, é que, no momento do encontro entre ambos, Artur está desarmado, isto é, sem intenções bélicas ou de poder, e seria um insulto, para um cavaleiro, atacar alguém, nessas condições. Além disso, o Rei está vestido de verde, a cor das florestas, fazendo com que, de alguma forma, ele se misture à natureza do lugar. Mesmo

poupano a vida de Artur, naquele momento, o estranho cavaleiro lhe propõe um desafio: o Rei deverá descobrir, no prazo de um ano, o que realmente quer a mulher, caso não encontre uma resposta adequada, encontrará, certamente, a morte. De posse do enigma, Artur volta à companhia de seus cavaleiros, mas não mais com o mesmo semblante que tinha quando adentrou, venturosamente, na floresta, pois ele trazia, agora, a preocupação com a própria finitude e com o desenrolar de seu destino, e, por conseguinte, do destino de todo o seu reino. Incluir, no destino do ego “real”, a busca do feminino, não é, portanto, uma tarefa que diz respeito apenas a um monarca em particular, pois o arquétipo do Rei é mais que o ego de apenas um indivíduo, podendo referir-se, também, ao centro de toda uma consciência coletiva e de toda uma época.

Sir Gromer, enquanto guia da alma, parece saber o quanto Artur precisa amadurecer (mais um significado para suas vestes “verdes). Ele sabe que o Rei, naquele momento, representa todo um desequilíbrio da consciência em sua inflação e unilateralidade diurna e solar. É por isso que ele impõe, para o Rei, a busca pelos valores do feminino, ou pelo Regime Noturno da Imagem, pois a taça/o vaso/o cálice do feminino nutrem aspectos que são fundamentais para o equilíbrio psíquico. Questionar sobre o que realmente quer a mulher, equivale a refletir sobre toda uma constelação do imaginário que Artur/ego não conhece e não domina, e, por isso, ele precisa de um tempo para familiarizar-se com o tema.

Durand (2001) sugere que o símbolo da taça/cálice é também uma representação do útero, ou seja, uma metáfora da intimidade, ou das “entranhas cavernosas” da Grande Mãe. *Sir* Gromer, portanto, ao compelir Artur para que encontre significado na questão do feminino, força-o a compensar e complementar a unilateralidade do imaginário fálico/patriarcal da consciência. Durand (2001, p. 255-256) esclarece:

O gládio junto à taça é um resumo, um microcosmo da totalidade do cosmo simbólico. [...] A persistência de uma tal lenda [do Cálice Sagrado/procura pelo feminino], a ubiqüidade de um tal objeto, mostra-nos a profunda valorização deste símbolo da taça, simultaneamente vaso, *gradale*, ou seja, símbolo da mãe primordial, alimentadora e protetora.

A busca do Cálice Sagrado e/ou dos enigmas do feminino indicam que, a despeito de todas as conquistas bélicas do masculino egoico, faltam a ele os valores da receptividade amorosa e morna da matéria e da natureza feminina. Dona Ragnell, portanto, pode ser vista como uma representação da Grande Deusa/ o feminino e seus mistérios. Enquanto isso, Gawain, o lado mais jovial do Rei – e, provavelmente, seu lado ingênuo e tolo –, ao perceber que Artur fora ameaçado, é quem se oferece, voluntariamente, para ajudá-lo na tarefa. Assim, ambos saem à

procura da solução legítima, indo, primeiramente, buscá-la entre pessoas comuns. Mesmo colhendo inúmeras respostas, Artur, *sabe* que nenhuma delas satisfará o cavaleiro, pois ele percebe, possivelmente, que é preciso ir para além do mundo ordinário para contentar um ser tão misterioso quanto *sir* Gromer. Talvez seja por isso que apareça justamente a irmã do cavaleiro da floresta – um ser nascido da mesma profundidade – para negociar, com Artur, a chave para o enigma da mulher/do feminino.

Dona Ragnell, em sua primeira aparição, mostra-se terrível e assustadora, assemelhando-se a tudo o que dissemos a respeito do Regime Noturno da Imagem. Ela vive, como seu irmão, nos arredores do reino, mas em outras florestas, quer dizer, em outra constelação arquetípica. A velha bruxa possui um aspecto animalesco, é um ser repugnante e asqueroso: expõe suas entranhas cavernosas, mutáveis e líquidas, e exige ser levada à luminosidade da consciência, ou seja, ela exige que todo o reino a receba com a mesma distinção que ele concede a seus cavaleiros. Independente da aparência da mulher, no entanto, é através dela que Artur expia sua pena e salva seu destino. É interessante percebermos o fato de que a velha bruxa, ao conhecer o Rei, não expõe a verdade sobre si mesma, pois, se o fizer, o encanto negativo não se quebrará. O feitiço só será desfeito se Artur sacrificar uma parte de sua consciência (Gawain) voluntariamente, ou seja, se ele aceitar entregar seu mais dedicado aspecto para as bodas com o feminino de forma incondicional.

Percebemos que Gawain é fiel e afetuoso com o Rei, sendo, ao mesmo tempo, um jovem aventureiro, corajoso e confiante em si mesmo, pois se propõe a mergulhar no desconhecido em nome de uma causa maior do que a sua própria vida. Mas essas não são, também, características de Eros e Hermes? Não são esses os deuses os responsáveis pela nossa ligação com as outras pessoas e com outros aspectos de nós mesmos? Não são eles, juntamente com os aspectos do feminino noturno, os deuses que desafiam o poder da consciência, revelando que nem tudo depende da força do gládio e do poder do cetro? Se fosse um cavaleiro comum, no sentido de querer força e poder, será que Gawain se entregaria para o sacrifício da maneira como o fez? Gawain era sobrinho de Artur, que não tinha filhos, o que sugere que ele poderia ser um substituto do Rei, caso este viesse a morrer. Mas o jovem cavaleiro não parece desejar, em momento algum, estar no lugar de Artur, o que indica que ele não ambiciona o poder sobre nada ou ninguém. Nem quando Dona Ragnell lhe pede que decida sobre ela, ele o faz. Gawain, portanto, está muito mais próximo de Eros/Hermes, do que do “complexo de Zeus” e, por isso, sua atitude surpreende, pois nossa tendência é esperar que o jovem, como homem, como marido, e como cavaleiro medieval, decidisse, por sua mulher, o que seria melhor para ela, ou seja, para

ele. Mas ele não diz a ela o que ela *deveria* fazer, nem se coloca em uma posição de quem sabe qual seria a melhor escolha para ela. De forma humilde e respeitosa, Gawain entrega, para a sua esposa, a soberania sobre sua própria escolha e, no momento em que faz isso, ele quebra o feitiço que a faz mostrar-se como um “mal”.

Isso equivale a dizer que o feminino, após ser acolhido de forma incondicional pela consciência, não precisa mais exibir sua face terrível e ameaçadora, e nem se dividir entre dois extremos. Gawain, ao *aceitar e permitir* que as decisões do outro, seja esse outro pessoas ou partes de nós mesmos, tenha um lugar de alteridade à luz da consciência, coloca-se em uma posição condizente com Eros e com o próprio feminino, rompendo, mais uma vez, com o comportamento habitual de quem procura, apenas, deter o poder.

Eros é um deus velho e novo ao mesmo tempo, e somente através dele é possível que haja ligação, união e movimento fértil entre os arquétipos e o ego, ou entre nós e os outros. Guggenbühl-Craig (1980), sobre Eros, vai ainda mais longe: para ele, sem esse deus, não há nem mesmo relação dos arquétipos entre si. Diz o autor (1980, p. 16):

É mérito de Eros que deuses e deusas, deuses e mortais se juntem como amantes, que novos deuses e semideuses nasçam. Sem ele não haveria movimento entre os deuses; de fato sequer haveria deuses. É Eros que faz os deuses – os arquétipos – afetuosos, criativos e envolvidos. Somente através de Eros podem os deuses ou arquétipos serem afetuosos. No que diz respeito a nós, mortais, os deuses são neutros, desumanos, distantes e frios. Somente quando eles são combinados com Eros podemos sentir seu movimento, [e aí] eles se tornam criativos, íntimos e estimulantes.

Eros está – ou se manifesta – em todas as representações arquetípicas, mas não pode ser dominado ou aprisionado neste ou naquele arquétipo, pois é absolutamente livre e autônomo. Como não podemos controlar o amor, ficamos enlouquecidos por ele, pois a tendência do ego é querer o domínio e o poder sobre toda a psique, e por isso Eros desafia o nosso Rei interno a todo momento.

Eros permite a ligação entre os opostos, a união e a movimentação da vida, que também é atributo de Hermes, o deus mensageiro, o único deus capaz de ir a extremos como o Olimpo (reino dos deuses) e o Hades (reino dos mortos) gregos. Talvez a grande diferença entre esses dois deuses é que Hermes, desprovido de Eros, atue de um modo frio e psicopático, visando apenas a seus próprios interesses. Mas Hermes, pleno de Eros – e ambos como “O filho” da Grande Deusa/do feminino –, imprime profundidade e força às uniões, pois o deus do amor possibilita que criemos raízes e vínculos, aquecendo nossas relações internas e externas.

Para receber Eros, porém, precisamos de um recipiente capaz de perceber a sua qualidade de libertar o outro. Sem Eros, aparecem e predominam a manipulação, o controle, o domínio e a intriga, ou seja, a necessidade de poder sobre outrem, características essas que são disfarçadas, inúmeras vezes, em moralidade (GUGGENBÜHL-CRAIG, 1980).

Para Guggenbühl-Craig (1980), criamos códigos morais e de conduta por causa da nossa incompetência de lidar com Eros. Somos tão carentes desse deus, que fazemos de tudo para manipulá-lo e controlá-lo e estabelecemos, dessa forma, regras de convívio interpessoal. Não há, no entanto, nada mais contraditório do que Eros e a moralidade. Eros, como todo *trickster*, caçoa de nossas “ordens” sentimentais, como o mandamento para que “amemo-nos uns aos outros”. Eros não está disponível ao nosso bel-prazer, o que nos deixa, inúmeras vezes, vazios e sozinhos. Ele pode surgir de repente, ligando-nos a pessoas ou a aspectos inesperados de nós mesmos. É por causa disso que Eros se opõe à moral, pois quanto mais nos apegamos a códigos e valores de conduta, na esperança de reter Eros, mais ele se afasta de nós, pois ele repudia as seguranças e as amarras morais que a consciência teima em lhe impor.

Por outro lado, a “imoralidade” de Eros liberta cada particularidade de nosso ser, pois ele não tem uma regra geral de conduta, o que significa que ele possui uma ética particular para cada uma das representações arquetípicas. Guggenbühl-Craig (1980, p. 16) assegura que

o guerreiro sem Eros é um mercenário brutal, um assassino insensato, um exterminador demoníaco. Com Eros, o guerreiro luta para defender valores que lhe são importantes, pronto para entregar sua vida por outros ou por ideais mais altos. Um ‘trickster’ sem Eros não é nada além de um trapaceiro e mentiroso comum, um impostor, um vigarista. Com Eros, o ‘trickster’ é surpreendente, estimulante, não se atolando em convenções e rotinas, mas continuamente revelando novos lados dele mesmo e abrindo perspectivas inesperadas àqueles ao seu redor. Ele é brincalhão e encantador. O arquétipo materno sem Eros é super-protetor, sufocando seus filhos na segurança material, preocupando-se apenas com comida, calor e segurança. As crianças não são nada além de brinquedos a serem usadas para o engrandecimento pessoal, uma extensão egoísta da própria mãe. Com Eros, no entanto, a criança, amada por sua própria causa, é inculcada com ideais, valores e visões. O papel da mãe torna-se não apenas o de mera propagação biológica, mas também o de transmitir e nutrir o espírito com humanidade.

Considerando o pensamento do autor, imaginamos que o arquétipo de um cavaleiro medieval, sem Eros, seja o de um “aspirante a Rei”; um representante típico do Regime Diurno da Imagem, sedento de conquistas, títulos, poder e heroísmo bélico. Com Eros, porém, ele torna-se não apenas um serviçal do Rei, mas também aquele que serve ao Graal, ou seja, ao feminino em si. Ele mesmo torna-se, com Eros, um *cratera*, o recipiente capaz de gerar novos

significados e nova vida, mesmo que esteja no corpo de um homem. A atitude de Gawain indica que é possível que seja produzido, em um único indivíduo – mesmo sendo ele fruto da cultura patriarcal – a ação de movimentos opostos ocorrendo concomitantemente. Quem tem Eros, não precisa seguir nenhuma norma moral, nem social, ficando cada vez mais claro, a partir do exemplo de Gawain, que os aspectos do feminino e do masculino transcendem a corpos de homens e de mulheres.

A natureza é tão dinâmica, tão cheia de movimento psíquico, que dividimos sua totalidade, na consciência, para melhor compreendê-la, mas se pudéssemos penetrar microscopicamente em nossas entranhas – físicas e psíquicas – com certeza assistiríamos ao espetáculo que gera a vida de cada um de nós, e veríamos, com toda a transparência possível, que somos frutos de uma ação conjunta, conforme reconhece Beauvoir (1970, p. 33-34):

Assim, o óvulo, em seu princípio essencial, a saber, o núcleo, é superficialmente passivo; sua massa fechada sobre si mesma, encerrada em si mesma, evoca a espessura noturna e o repouso do em si; é sob a forma de espera que os Antigos representavam o mundo fechado, o átomo opaco; imóvel, o óvulo espera. Ao contrário, o espermatozoide aberto, miúdo, ágil, representa a impaciência e a inquietação da existência. Não se deve deixar-se seduzir pelo prazer das alegorias; assimilou-se, por vezes, o óvulo à imanência, o espermatozoide à transcendência. Mas é renunciando à sua transcendência, à sua mobilidade, que este penetra no elemento feminino. É sugado e castrado pela massa inerte que o absorve depois de o ter mutilado, arrancando-lhe a cauda. Eis uma ação mágica, inquietante como todas as ações passivas; ao passo que a atividade do gameta masculino é racional; é um movimento mensurável em termos de tempo e espaço. [...] Gametas masculinos e femininos fundem-se no ovo. Juntos, eles se suprimem em sua totalidade. [...] Há, na vida, dois movimentos que se conjugam; ela só se mantém em se superando e só se supera com a condição de se manter. Esses movimentos se mantêm sempre juntos, pensá-los separados é pensar abstratamente. Entretanto, é ora um, ora outro que domina. [...] Logo, concluímos que, fundamentalmente, o papel dos dois gametas é idêntico: criam juntos um ser vivo em que ambos se perdem e se superam.

Soa-nos estranho, a essa altura, pensar na solução proposta pelo enigma de *sir* Gromer de forma literal. Imaginar que a mulher/o feminino deseja a soberania absoluta sobre o homem não condiz com a proposta libertária da lenda, pois dominar alguém, como sabemos, é tornar-se escravo da própria dominação, o que nos levaria a uma ideia oposta ao que a narrativa sugere. Por outro lado, se refletirmos sobre o fato de que as mulheres, historicamente, viram seus desejos e vontades serem administrados por uma sociedade machista e maniqueísta, cremos que a história de Dona Ragnell também tem uma faceta social, pois ilustra a cultura da mulher

multifacetada, o feminino, excluído da consciência coletiva pelo poder masculino, tornando-se, dessa forma, ora horrendo e terrível, ora desejado e sublimado pela tradição patriarcal.

Beauvoir (1970) declara que a mulher foi subjugada não apenas por motivos econômicos, mas sim porque, acima de tudo, os homens sempre temeram seu poder; poder que ela quer reconhecer e viver com soberania, assim como o querem cada um dos arquétipos que regem nossa psique. Mas ainda estamos lutando por isso, pois é preciso muita abnegação, por parte dos homens/consciência, para renunciar ao lugar (aparente) de senhor absoluto do mundo externo e interno, e talvez seja também por esse motivo que a atitude de Gawain nos intriga tanto, pois, ele é um homem que se *submete* ao poder de escolha de uma mulher. Ele desafia o nosso ego educado nos valores patriarcais, acostumados que estamos a ver, nos homens, o poder das decisões sobre suas mulheres.

É exatamente nesse momento que Gawain *torna-se* o cálice que acolhe e transforma a face horrenda e dividida do feminino em completude e beleza, e ocupa, assim, o lugar do arquétipo do filho, que sintetiza e guarda, em si, o eterno devir. A energia hermética/erótica de Gawain une-o com o que Durand (2001) chama de “biunidade divina”, ou seja, ele é o consorte da Deusa, o elemento que contém em si o masculino e o feminino, os Regimes Diurno e Noturno da Imagem, e que permite girar, na síntese poética e musical do seu próprio ritmo vital, a renovação da vida e a nossa possibilidade de imortalidade.

À guisa de conclusão, gostaríamos de enfatizar, então, que o imaginário é a base formadora de nossa cultura e de nossa psique pessoal e grupal, confirmando, com isso, a ideia de Jung (2000) e de Durand (2001) de que o universo psíquico coletivo e individual é composto de “redes” ou “teias” axiais, que formam verdadeiras tramas – complexos – que vão se associando em torno de um mesmo significante, ou de uma mesma imagem/representação arquetípica.

Uma das formas que temos de entrar em contato com o universo arquetípico/simbólico é através das expressões de arte e cultura de todos os povos. O imaginário, de maneira geral, portanto, dá sentido à própria morte, fazendo com que a expressemos de uma forma fantástica, para além de um “logos masculino” ou de um “sentir feminino”. Com isso, criamos um “Regime Sintético da Imagem” (Durand, 2001), que exorciza, em nós, a angústia da existência, reescrevendo o nosso destino e tornando-nos, dessa forma, heróis imortais.

Referências

- BEAUVOIR, Simone. *O segundo Sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1970.
- BOLEN, Jean Shinoda. *As deusas e a mulher*. São Paulo: Paulus, 1990.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- GUGGENBÜHL-CRAIG, Adolf. *Eros de muletas*. São Paulo: Sociedade pela democratização do saber, 1997.
- JUNG, Carl Gustav. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.
- _____. *O espírito na arte e na ciência*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- _____. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- RENNÓ, Carlos. Poesia literária e poesia de música: convergências In: OLIVEIRA, S. R.; RENNO, C., FREIRE, P.; AMORIM, M.A. e ROCHA, J; *Literatura e música*. São Paulo: Senac, 2003.
- WHITMONT, Edgar. *O retorno da deusa*. São Paulo: Summus, 1991.
- ZIMMER, Heinrich. *A conquista psicológica do mal*. São Paulo: Palas Athena, 1988.

Gisela Cardoso

Psicóloga clínica especialista em Teoria e Prática Junguiana (UVA), e Arteterapia (Centrarte). Pós-graduada em Abordagem Transpessoal da consciência (UNIPAZ-Sul) e Biopsicologia (Instituto Visão Futuro). Professora na pós-graduação em Arteterapia (Centrarte). Diretora do “Giramundo”, (dançaterapia e outros movimentos), em Caxias do Sul. Mestranda em Letras, Cultura e Regionalidade na UCS. Candidata à analista junguiana pelo Instituto Junguiano do Rio Grande do Sul (IJRS). Contato: gisedp@terra.com.br.

Cecil Jeanine Albert Zinani

Mestre em Letras (PUCRS); Doutora em Letras (UFRGS); Estágio de Pós-Doutoramento em Memória e História (PUCRS). Professora e Pesquisadora no Curso de Letras e nos Programas de Pós-Graduação PPGLET e PDLET da Universidade de Caxias do Sul. Entre as publicações, destacam-se: como autora: *Literatura e gênero: a construção da identidade feminina*, *História da literatura: questões contemporâneas*; como co-organizadora, *Dicionário biobibliográfico dos escritores da Região de Colonização Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul: das origens a 2005*, *Mulher e literatura: história, gênero, sexualidade*, *Da tessitura ao texto: percursos de crítica feminista*. Contato: cezinani@terra.com.br

Recebido em 20 de dezembro de 2013.

Aceito em 30 de março de 2014.